

# SOBRE

# nascente

Publica-se  
a um e quinze  
de cada mês

Mínimo de assi-  
natura: 5 núme-  
ros, 5 escudos.  
(Pagamento  
adiantado.)

Visado pela  
Comissão de  
Censura

quinzenário cultural de literatura e crítica

## sobre Heráclito de Efeso

## PALAVRAS DE ANATOLE FRANCE

Um jovem cientista, M. Maurice Salovine, que, na infância, aprendeu o grego como se fosse a sua língua materna, deu-nos uma excelente tradução francesa dos fragmentos que ainda subsistem de Heráclito. A sua versão é literal, exigida pela violência e concisão do texto. «Certamente, diz um poeta da Antologia, semelhante leitura é em princípio difícil... Que te guie, porém, um iniciado, e o livro se iluminará melhor que em pleno sol». Se o sentido do livro todo dificilmente se descobre, mais impenetráveis ainda devem ser os restos que dele nos restam. No entanto, podemos dizer que, a muitos respeito, o pensamento do velho Jónio tornou-se mais inteligível aos espíritos cultivados, desde que a fundação da física e da química lhes permitiu especular sobre a composição e as metamorfoses da matéria.

Heráclito nasceu à beira do mar Jónico, onde o génio grego despediu a sua primeira centelha, e onde floresceram, desde o século VII, antes da Era cristã, o comércio e as artes, as ciências, as letras, a filosofia, nessa opulenta Efeso que se gloriava do seu vastíssimo porto e do seu famoso templo de Artemisa.

Na sua infância, a vitória dos Persas sobre os Lídios entregou ao grande Rei aquelas ricas colónias da costa da Ásia. Na Grande Grécia procuraram os jónios uma nova pátria; ali se refugiou a filosofia e a liberdade. Heráclito, oriundo de uma ilustre família, dotado de vigoroso espírito, denunciava veementemente

a moleza dos seus compatriotas, que se curvavam perante os Bárbaros, e exaltava as virtudes guerreiras. E dizia: «Aqueles que tombaram nos campos de batalha são glorificados pelos deuses e pelos homens».

Queria que o povo deferdesse as suas leis com o mesmo ardor com que defendia as suas muralhas. Este pensamento assemelha-se àquele que fundamenta o discurso que Péricles, segundo Tucídides, pronunciou para honrar os Atenienses caídos no segundo ano da guerra do Peloponeso: «Quando eu demonstrar que Atenas se governa por leis justas, terei feito o melhor elogio daqueles que por amor dela morreram». De modo nenhum podemos definir capazmente a constituição que melhor agradava a Heráclito. Sabe-se apenas que confiava pouco no sentimento popular e recomendava a obediência a um chefe único: «Um só homem, dizia, vale para mim, por dez mil, se fôr o melhor».

Os pequenos fragmentos traduzidos por Maurice Salovine, pertencem provavelmente à 2.ª parte do livro perdido de Heráclito que compreendia três partes: Universo, política, teologia. Não deve ser necessário advertir que este termo *teologia* não é tomado no sentido empregado pelos modernos, e não implica nada de irracional ou dogmático. Propondo-se descobrir a verdade, Heráclito desconfia dos sentidos como provas grosseiras e infieis; e recomenda a concentração, a absorção do pensador em si-próprio.

Talés buscava o princípio das cousas na água; Anaximando no ar; Heráclito no fogo. Fosse qual fosse, para cada um, a substância do universo, esta substância era única, não tinha princípio e jámais teria fim. Segundo Heráclito tudo sai do fogo e a ele regressa. O fogo representa o movimento sem o qual não poderia o mundo subsistir. Esta idéa do fluir perpetuo das coisas, de que se achava penetrado, ele a exprime com uma energia inaudita.

Diz, por exemplo, «nós descemos e não descemos no mesmo rio», para acentuar que no momento de descer, rio e homem mudaram já. O mundo, assim, não foi criado por nenhum Deus nem por nenhum homem; existe desde a eternidade e existirá sempre. O mundo é composto por uma substância única em incessante movimento e transformação. Estamos longe do dualismo dos nossos espiritualistas que explicam a natureza do homem pela coexistência do espírito e da matéria, a união dum nada que é tudo e dum todo que não é nada. Estamos igualmente longe do deísmo que a teologia cristã pretendeu substituir e que não é senão uma descolorida teologia.

A esta concepção da unidade do mundo ajunta-se a doutrina da identidade dos contrários que Heráclito leva a um extremo rigor, até dizer: «Deus é dia e noite, inverno e estio, guerra e paz.— O bem e o mal são uma e única coisa».

Segundo ele a luta é a con-

dição essencial da vida. Heráclito critica Homero por ter pretendido banir a discórdia da assembleia dos homens e dos Deuses, ameaçando assim o universo com a ruína certa.

Esta cosmogonia antiga concebia-se facilmente quando a teologia reinava nos espíritos, impondo a todos uma crença que, em definitivo, se convertia nas seguintes proposições: Um ser infinito no espaço e no tempo, após uma eternidade de intensa solidão, teve a imprudência de crear o mundo. Por este facto, perdeu Deus toda a independência e todo o sossêgo; limitou-se; e, limitando-se, morreu.

A sua criação envolveu-o em inextricáveis dificuldades, tanto morais como físicas; e, a - pesar - disso, proclama-se ainda todo-poderoso. Eis o sistema em redor do qual o pensamento humano girou durante dezoito séculos como um pássaro na sua gaiola. E' apenas depois de Kant e de Laplace que o espírito humano, liberto do jugo teológico, reencontra a audácia de um Anaximandro e de um Heráclito e procura resolver, com a ajuda da ciência positiva, os problemas cosmogónicos.

Comove-nos a idea de que os conhecimentos reunidos pela física e pela química modernas nos conduzem à formação de hipóteses que concordam em muitos pontos com as primeiras meditações do génio grego.

Cap d'Antibes, Janeiro de 1918.

Trad. de F. Q.